

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Francielle Rodrigues dos Santos**  
**Luana Lorrane Marques de Souza**

**INFLUÊNCIAS DO LUTO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

**ANÁPOLIS**

**2020**

**Francielle Rodrigues dos Santos**  
**Luana Lorraine Marques de Souza**

**INFLUÊNCIAS DO LUTO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Psicologia.

Orientador(a):

**ANÁPOLIS**

**2020**

## RESUMO

O luto é um processo de desorganização psíquica e provoca uma série de rupturas, incluindo a ter interferências em seu processo de aprendizagem da criança. Diante disso, a presente pesquisa aborda as influências do luto no processo de aprendizagem, com objetivo de analisar os principais impactos do luto no desenvolvimento escolar infantil. A pesquisa utiliza-se de uma metodologia qualitativa com as análises da inferência do luto na aprendizagem. Este trabalho se faz relevante devido à apresentação de métodos a serem seguidos para lidar com esse processo.

**Palavras-Chave:** Aprendizagem, Desenvolvimento, Luto, Processo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2 MÉTODO .....</b>	<b>6</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>7</b>
3.1 Processo do Luto .....	7
3.2 Processo de Aprendizagem.....	10
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>14</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo responder questões a respeito das influências do luto no processo de aprendizagem, uma vez que o processo do luto pode provocar impactos tanto psicológicos quanto cognitivos. É um desafio e momento de reorganização das estruturas psicológicas.

O processo do luto provoca uma série de rupturas, tratando-se do fato de que, caso momento ocorra na infância em que a criança está em desenvolvimento, podem haver interferências em seu processamento de aprendizagem. Diante disso, a criança se encontra em um estado de vulnerabilidade e desorientação cognitiva, ocasionando um grau de dificuldades de aprendizagem.

Diante dessas evidências, a presente pesquisa aborda a influência do luto no processo de aprendizagem, com o intuito de apontar métodos para avaliar uma criança nesse processo. Levantado através de pesquisas teóricas e limitando-se às influências do luto em uma criança que está em fase de desenvolvimento. A análise do tema surgiu com base em pesquisas acerca do assunto como fonte artigos, literatura e dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), tendo, como linha de orientação, a neuropsicológica.

A OMS define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Salientando-se que a saúde é um direito para todos, independentemente do seu sexo, raça, ocupações ou características pessoais ou sociais, percebe-se, inicialmente, que o luto influencia na saúde mental e bem-estar do indivíduo (OMS, 2017).

Segundo artigos científicos, revistas e livros com os temas luto e processo de aprendizagem, verificados entre os anos de 2015 a 2020, a problemática em questão é que a experiência do luto é um acontecimento marcante na vida de uma criança, o que implica em uma ruptura na aprendizagem.

Tratando-se dos dados analisados, a presente pesquisa tem por objetivo geral analisar os melhores métodos para avaliar uma criança em processo de luto em aprendizagem. A avaliação psicológica influencia muito nesse processo, pois é um conjunto de técnicas e procedimentos, visando verificar características psicológicas da criança enlutada. Desta forma, a avaliação para a consecução deste trabalho, será realizada em uma clínica, com o período de três meses, sendo uma vez por semana, com a duração de cinquenta minutos cada sessão.

Em relação aos estudos levantados e considerando o contexto de vida de uma criança enlutada, a avaliação psicológica tem caráter interventivo no processo de aprendizagem, pois possibilita consequências positivas no desenvolvimento da criança e na saúde mental.

O presente estudo tem ainda, secundariamente, o intento de apontar estratégias que contribuem para um bom desenvolvimento infantil no processo de luto, entende-se a criança com um ser biopsicossocial e espiritual.

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa descritiva, que registra e descreve os fatos observados sem interferir neles, observando técnicas de padrões de coleta sobre o luto e processo de aprendizagem na infância. Tal modalidade de pesquisa descreve as características de maior familiaridade das pesquisadoras com o fenômeno investigado.

No capítulo 3, serão discutidos os aspectos teóricos relacionados ao luto e suas influencias nos processos de aprendizagem. Logo após, serão identificados métodos de avaliações psicológicas através de investigações do contexto de vida de uma criança. Após, estarão sendo analisados os dados, colocando-os em relação aos aspectos teóricos do luto e suas influencias no processo de aprendizagem, considerando-se os métodos de avaliação psicológica.

## 2 MÉTODO

Sendo técnicas de padrões de coleta sobre o luto e processo de aprendizagem na infância, tal modalidade de pesquisa descreve as características de maior familiaridade das pesquisadoras com o fenômeno investigado.

Assim, foram realizados trinta fichamentos embasados em trinta arquivos com a finalidade de construir um apanhado amostral de casos. O conteúdo dessa pesquisa verificou a ocorrência de uma experiência do luto como um acontecimento marcante na vida de uma criança, o qual pode implicar em uma ruptura na aprendizagem.

O método utilizado ainda abordou um viés qualitativo, de modo a procurar responder questões particulares, em um espaço mais aprofundado e delicado de cada criança, a qual passou por essa situação. Considerando como sujeito do estudo, crianças pertencentes a situações de luto e dificuldade de aprendizagem.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Processo do Luto

De acordo com Maria Aparecida Mautone, a palavra “luto” se refere ao estado emocional de estar *bereft*, palavra que significa “ser rasgado” (Soares & Mautoni, 2013, p. 25). É comum que os enlutados se sintam como o que “rasgados”, “despedaçados”, como se aquela dor nunca mais fosse passar. O sofrimento é sentido como se fosse eterno.

“A morte do outro se configura com a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (Kovács, 1998, p. 149). A autora espõe que a morte traz muitas consequências para os que enterram os seus entes queridos.

Cada indivíduo vivencia o “processo do luto” de maneira diferente, mediante a cultura, contexto de vida e familiar e o próprio contexto e definição de perda irá influenciar a forma como a pessoa vai enfrentar o luto.

Segundo Freud, (1917, *cit.* por Hagman, 1996), no seu livro “*Mourning and Melancholia*”, defende que quando se perde um ente querido, a intensidade libidinal do indivíduo é voltada por pensamentos e memórias acerca do motivo perdido. O enlutado tem dificuldades em desenvolver novos ciclos até que este vínculo se quebre, permitindo que a intensidade libidinal seja transferida para um novo motivo. Esta alienação da libido é motivada por uma ação para diminuir a emoção ativa e fisiológica associada ao luto. Para Freud, o sobrevivente torna-se hostil e deprimido quando essa energia não é transferida facilmente. São constatados alguns sintomas compatíveis à melancolia, como dor profunda, falta de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e inibição geral da atividade. Quando luto esta elaborado, o ego está livre e capacitado para avançar em outra relação.

De acordo com Freud (1996) o luto é um processo lento e doloroso, tem características de tristeza profunda, ocorre a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.

Já para Mikulincer e Florian (1996), o luto se caracteriza a frustração de uma necessidade básica de vinculação, que é manter a proximidade com uma figura significativa, bem como o romper de um significado de segurança na vida. A teoria de vinculação de Bowlby (1990) refere-se aos laços afetivos que são criados pela familiaridade e proximidade com as figuras parentais no início da vida. Eles surgem da necessidade que se tem de se sentir seguro



e protegido. Acaba por ser um movimento inato que permite manter os progenitores e descendentes unidos, numa relação inicialmente unidirecional, ou seja, o prestador de cuidados encarrega-se da sobrevivência do bebê, que de outra forma não conseguiria viver.

Bowlby (1990), descreve 4 fases do luto: o entorpecimento, o anseio, a desorganização, o desespero e a reorganização. O entorpecimento se caracteriza por uma fase de choque e negação da realidade, com extrema aflição, tem duração de horas ou uma semana, dependendo de cada indivíduo. O anseio é marcado pelo desejo de trazer o ente querido de volta, caracterizado por muita culpa e ansiedade. Já na terceira fase os sentimentos de raiva e tristeza são marcantes, o enlutado se sente abandonado pelo ente querido e incapaz de fazer algo. Entretanto, depois que o enlutado passa por todas essas fases e sentimento de revolta é que vai conseguir se restabelecer. Conquanto, ainda com a saudade presente e se adaptando com a perda, o enlutado poderá retomar suas atividades entrando na fase de reorganização.

O luto é um processo inevitável, em que todos que perdem um ente querido tende a passar por isso. Possui um vasto leque de sentimentos, mudanças que invadem e interferem no funcionamento emocional de uma pessoa. Cabe salientar então que não cabe julgar a ordem das fases e nem qual seria a correta, mas sim expor as excelentes contribuições particulares de cada um deles e o quanto é válido para o entendimento de uma situação geradora de sofrimento, que é a morte. A perda de um ente querido é um fator gerador de muito estresse, se não for elaborada de uma forma funcional, pode trazer inúmeras repercussões na vida de um indivíduo (Basso & Wainer, 2011).

Os sentimentos mais comuns no processo do luto são: tristeza - normalmente manifestada através do choro; raiva - sentida como frustração; culpa e autocensura - aparece principalmente no início do luto, com a culpa de não ter feito o suficiente; ansiedade - sensação de insegurança e até um forte ataque de pânico que pode surgir de duas fontes: medo de ser incapaz de seguir a vida sozinha e de uma sensação aumentada da consciência da mortalidade do próprio; solidão - sentimento frequentemente expressado; fadiga - pode ser experimentada como apatia ou indiferença; desamparo - presente na fase inicial da perda; choque - ocorre com mais frequência quando a morte é inesperada; anseio - anseia pela pessoa perdida; emancipação - libertação que pode ser um fator positivo após a perda; alívio - é comum se o ente querido sofria de alguma doença dolorosa e; torpor - ausência de sentimentos o enlutado se sente entorpecido (Cavalcanti, Samczuk, & Bonfim, 2013).

Sensações físicas sentidas no processo de luto: vazio no estomago; aperto no peito; nó na garganta; hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização (nada parece ser real,

incluindo o próprio); falta de fôlego sensação de falta de ar; fraqueza muscular; falta de energia; boca seca (Fujisaka, 2014).

Pensamentos cognitivos no processo de luto: descrença; confusão de pensamentos; preocupação; sensação de presença; alucinações (Fujisaka, 2014).

Comportamentos manifestados durante o processo de luto: distúrbios do sono; distúrbios do apetite; comportamentos de distração (andar aéreo); isolamento social; sonhos com a pessoa falecida; suspiros; choros e hiperatividade com agitação (Basso & Wainer, 2011).

Diante disso, pode-se dizer que uma pessoa que passa por esse processo do luto, é algo que muda completamente o rumo de sua vida, e com isso cada pessoa acaba agindo de uma maneira diferente, tem pessoas que sofrem mais, tem outras que sofre, mas não demonstra, e já tem pessoas que nem sabe o que fazer. Cada um com a sua individualidade e suas diferenças, que precisa ser respeitado.

O enlutado passa por processo demorado que implica o processamento da dor e, se tal não acontecer, o luto pode vir a manifestar-se sob a forma de um sintoma somático ou reaparecer após uma perda subsequente sob a forma de reação de luto retardado (Ramos, 2016).

É importante referir que tanto as crianças como os adolescentes devem vivenciar o acontecimento, nunca se deve evitar falar do sucedido nem colocá-las de parte, podendo até participar no ritual do funeral. A atitude de excluir as crianças do luto poderá bloquear o processo de luto. Cada adulto e cada criança vivenciará o seu luto de diversas formas (SENGIK; Ramos, 2013).

Nem todas as perdas evocam o mesmo tipo de resposta emocional, mas podem manifestar-se sentimentos como tristeza, raiva, culpa ansiedade e solidão persistente. É importante ajudar o indivíduo que atravessa o processo de luto a viver a dor em quantidades moderadas e de forma controlada para evitar uma sobrecarga emocional (Cavalcanti, Samczuk, & Bonfim, 2013).

A adaptação a um novo meio tem diferentes significados para diferentes pessoas, dependendo da relação que existia com a pessoa perdida e os diferentes papéis que esta desempenhava. Muitas vezes, esta tarefa não é fácil de ultrapassar e muitas pessoas trabalham contra elas próprias, promovendo o seu próprio desamparo, não desenvolvendo as competências necessárias para lidar com a situação (Ramos, 2016).

No entanto, a maior parte delas, não segue este percurso, pelo contrário, decidem que têm de desempenhar papéis que antes não costumavam ter e desenvolvem novas competências para lidar com a perda.

Para o enlutado entender que ele precisa recomeçar segundo Ramos (2016), é algo bem complexo, é necessário espaço e compreensão de ambas as partes, que no momento certo as coisas iram mudar. Reinvestir em outras relações é um passo para que o enlutado possa investir em novos relacionamentos, permitindo ajudar a pessoa que atravessa o processo de luto a continuar a sua vida após a perda. Para muitas pessoas esta é a tarefa mais difícil de ultrapassar uma vez que, encaram a perda como algo muito doloroso. A pessoa perdida nunca está fora da vida do indivíduo, mas necessita de ser colocado num lugar onde possa ser recordado, ao mesmo tempo em que deixa espaço para o sobrevivente prosseguir com a sua vida e estabelecer outras relações.

### **3.2 Processo de Aprendizagem**

Segundo o dicionário Michaelis (1998) a palavra aprendizagem é derivada do substantivo aprendiz, termo que caracteriza aquele que aprende ou dá os primeiros passos em uma atividade, arte ou ofício. Assim, a aprendizagem pode ser definida como um processo pelo qual as competências, conhecimentos, comportamentos ou valores são adquiridos ou modificados como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação.

Jean Piaget (1896-1980), biólogo, psicólogo e epistemológico estudou com profundidade as etapas do desenvolvimento humano. Segundo ele os organismos vivos tendem a se adaptar a um novo meio a partir do momento em que passa a existir uma relação entre eles e o ambiente. O ser humano adquire conhecimento através de experiências adquiridas em um contexto no qual está inserida. Para Piaget a interação entre o indivíduo e o ambiente é responsável pela formação do conhecimento. Por exemplo, a criança para adquirir habilidades fundamentais como pensamento e a linguagem vivenciam diferentes fases de desenvolvimento (Piovesan et al., 2019).

O processo de aprendizagem envolve diversos fatores: cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. De acordo com a teoria de Piaget existem 4 etapas do processo de aprendizagem em que as crianças adquirem conhecimento: a primeira é a fase sensorio motora que ocorre de 0 a 2 anos, as crianças começam a descobrir sensações e movimentos, o momento em que a coordenação motora se desenvolve. A segunda é o pré-operatório que ocorre entre 2 e 7 anos, etapa do egocentrismo em que a criança está focada em experiências individuais. A terceira é o operacional concreto que acontece dos 8 aos 12 anos, a criança já é capaz de usar a lógica para solucionar seus problemas. A criança começa a entender

as regras sociais então seu senso de empatia, justiça e reciprocidade cresce. A quarta e última operacional formal dos 12 anos em diante, toda aquisição de raciocínio lógico está completa, o indivíduo já tem autonomia suficiente para lidar com questões concretas e abstratas (Tabile & Jacometo, 2017).

Aprendizagem tem como raiz etimológica “aprender”: adquirir conhecimento, do latim *apprehendere*, (mesma origem de apreender = apropriar-se, segurar, prender, compreender) apanhar (Cunha, 2002, p. 60). Já no dicionário etimológico (Harper, 2012) encontramos o significado: "agarrar na mente", de L. *apprehendere* "para tomar posse de, segure", de ad-"para" + *prehendere* "aproveitar". Extensão metafórica “aproveitar com a mente”. Segundo a neurocientista, Relvas (2009, p. 35), a aprendizagem constitui-se em uma alteração biológica na comunicação entre os neurônios. Nessa ocasião, forma-se uma rede interligada em que a informação aprendida pode ser evocada e retomada com relativa facilidade e rapidez. Todas as áreas cerebrais estão envolvidas no processo de aprendizagem e as emoções são de fundamental importância no processamento das informações.

Para Vygotsky (2007), a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos. Ou seja, o desenvolvimento depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar. Neste modelo, o sujeito – no caso, a criança – é reconhecida como ser pensante capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura, sendo a escola um espaço e um tempo onde este processo é vivenciado, onde o processo de ensino-aprendizagem envolve diretamente a interação entre sujeitos.

A aprendizagem é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. A Psicologia da Aprendizagem estuda o complexo processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pela criança. Para que se possa entender esse processo é necessário reconhecer a natureza social da aprendizagem. Como já foi dito, as operações cognitivas (aquelas envolvidas no processo de conhecer) são sempre ativamente construídas na interação com outros indivíduos. Reconhece-se, dessa maneira, que as pessoas, em especial as crianças, aprendem através de ações partilhadas mediadas pela linguagem e pela instrução (Piovesan et al., 2019).

A aprendizagem é um dos temas mais estudados pela Psicologia da Educação, pois praticamente todo comportamento e todo conhecimento humanos são aprendidos. As teorias da aprendizagem estabelecem relação com as ações pedagógicas e refletem também sobre a

maneira como as teorias estudadas questionam e se relacionam criticamente com as práticas que os professores têm em sala de aula para que aprofundem as relações entre o aprender e o ensinar com respaldo nas teorias que explicam tais práticas e que compreendam os processos de aprendizagem e suas relações com as diferentes dimensões do fazer pedagógico (Tabile & Jacometo, 2017).

A Psicologia da Aprendizagem foca o indivíduo e o desenvolvimento intelectual de suas capacidades; a Psicologia Experimental aplicada à educação busca normalizar comportamentos e ações em que culpabilizavam aqueles que por algum motivo não se desenvolviam ou não aprendiam dentro do esperado. Assim, é fundamental estudar a Psicologia da Aprendizagem e suas teorias que tratam da sua importância para o campo do ensino-aprendizagem e das contribuições que ela pode dar para a área da educação e conforme ressalta Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 132), “assim, a Psicologia transforma a aprendizagem em um processo a ser investigado” pela ciência.

Jean Piaget (1896-1980), Wallon (1879-1962) e Vygotsky (1896-1934) têm sido considerados os representantes mais eminentes de um grupo de teóricos que procuram explicar a aprendizagem e o conhecimento humano dentro de uma linha histórica na qual o sujeito e o objeto interagem em um processo que resulta na construção e reconstrução das estruturas cognitivas. As Teorias da Aprendizagem são modelos teóricos desenvolvidos cientificamente para explicar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem no transcorrer da história da Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Psicologia da Educação, buscando dar respostas às perguntas e indagações surgidas nas instituições de ensino (Piovesan et al., 2019).

Para Wallon (2007), a aprendizagem está relacionada com o desenvolvimento da individualidade como unidade afetiva e cognitiva dos sujeitos. O estudo do desenvolvimento humano deve ser feito na sucessão das etapas e dos conflitos no decorrer da vida, sendo a linguagem e a cultura que fornecem ao pensamento as ferramentas para a sua evolução; a sua interação com o mundo biológico não depende apenas do seu amadurecimento intelectual, mas de habilidades mais complexas para interagir com a cultura existente entre o sujeito e seu meio.

Em contrapartida, segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando com passar do tempo. O desenvolvimento é pensado como um processo em que estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem.

Já para Piaget (1999), no construtivismo a aprendizagem só ocorre mediante a consolidação das estruturas de pensamento, portanto a aprendizagem sempre se dá após a

consolidação do esquema que a suporta, da mesma forma a passagem de um estágio para outro da criança estaria dependente da consolidação e superação do estágio anterior. Sendo assim, a aprendizagem em si nada mais é do que a substituição de uma resposta generalizada por outra mais complexa.

Sendo assim, o homem se caracteriza por uma sociabilidade primária. “A mesma ideia foi expressa por Henri Wallon, de um modo mais categórico: ele [o indivíduo] é geneticamente social (Wallon, 1959) ” (Ivic & Coelho, 2010, p. 15). Nessa concepção, a importância da Psicologia da Aprendizagem tem como objetivo lógico e único o estudo do homem psicológico em distinção às outras espécies “irracionais”. Ela estuda a evolução da capacidade intelectual, motora, sociável e afável do ser humano. Por meio da Psicologia do Desenvolvimento, ela é capaz de detectar as ações mais complexas das atividades psíquicas no adulto, que são produtos de uma longa jornada cultural, ontológica e filogenética.

Dessa forma, nota, que do ponto de vista pedagógica, Piaget, Wallon, e Vygotsky contribuem com suas teorias e ideias, de forma significativa, para a compreensão do desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem do aluno (Pereira, 2012).

Portanto, o desenvolvimento da aprendizagem é a passagem pela qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que conhece seu grupo social. Para que a criança se integre num grupo de seres humanos maduros, é necessário o convívio com pessoas adultas e com outras crianças mais experientes para uma troca de saberes individual e coletiva (Piletti & Rossato, 2011).

## 4 RESULTADOS

Cada indivíduo vivencia o processo do luto de maneira diferente. Freud (1917, *cit.* por Hagman, 1996) defende que quando se perde um significativo, a energia libidinal da pessoa é dominada por pensamentos e memórias acerca do objeto perdido. O enlutado torna-se hostil e deprimido quando essa energia não é transferida facilmente. Para Freud (1996) o luto é um processo que requer tempo para elaboração da perda e reestruturação da realidade psíquica desestruturada pela falta do ente perdido.

Bowlby (1973/1980) defende que o luto se caracteriza por uma necessidade básica de vinculação que é manter relação com uma figura significativa, bem como o romper de um significado de segurança na vida. Bowlby (1990) descreve ainda as 4 fases do luto o entorpecimento, o anseio, a desorganização e o desespero, a reorganização. O autor traz também a teoria do apego como um processo em que a criança sofre na ausência da mãe, em que estar próximo do outro é de fundamental importância para a sobrevivência do indivíduo.

Os dois autores concordam que o processo de luto é de grande desestruturação psíquica para o ser humano, e muito delicado a reestruturação. Freud (1996) defende que o luto é um processo lento e doloroso, tem características de tristeza profunda, ocorre a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor. Bowlby traz a teoria do apego e vinculação como teoria de exemplificação do processo de luto, em que laços afetivos que são criados pela familiaridade e proximidade com as figuras parentais no início da vida. Eles surgem da necessidade que se tem de se sentir seguro e protegido.

Analisando-se as postulações de Soares e Mautone (2013) e Kovacs (1998), apontam-se fatores conceituais sobre o sofrimento relacionado ao luto. Os autores ainda descrevem a dor relacionado ao processo.

Nesse sentido, Freud (1917, *cit.* por Hagman, 1996) e Bowlby (*cit.* por Mikulincer & Florian, 1996) concordam e evidenciam tais nuances de sofrimento, o que ainda é acrescido da colocação da obra de Freud (1996), no tocante a lentidão dessa condição e a conseqüente perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.

A aprendizagem pode ser definida como um processo pelo qual as competências, conhecimentos, comportamentos ou valores são adquiridos ou modificados como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Piaget (1994) defende que a aprendizagem se dá pela relação entre o indivíduo e o ambiente. Pelo contexto no qual está

inserido. Em concordância Vygotsky (1998) afirma que a aprendizagem está relacionada com o meio social em que o indivíduo vive, vinculando sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura.

Em contrapartida para Wallon (1995) a aprendizagem está relacionada com o desenvolvimento da individualidade como unidade afetiva e cognitiva dos sujeitos. O desenvolvimento humano se dá na sucessão de etapas e conflitos no decorrer da vida. Para ele o homem é resultado de influências social e fisiológico. O processo de desenvolvimento oscila constantemente entre a afetividade e a inteligência.

De acordo com os autores estudados pode-se perceber que o luto é um processo que afeta diversas áreas do contexto de vida da criança, incluindo o processo de aprendizagem que é uma fase de fundamental importância para o desenvolvimento do infantil. Seguindo este raciocínio, cada indivíduo vivencia o processo do luto na sua individualidade, cada um tem sua maneira de vivenciar este momento lamentoso. Sendo assim cada criança quando passa por este procedimento de certa forma acaba gerando um déficit na aprendizagem. Podendo ser afetado a alfabetização, incluindo dificuldades na leitura, na escrita, na pronúncia, na interpretação, na linguagem no raciocínio entre outros. No entanto é de grande valia que durante este momento a criança seja acompanhada por profissionais capacitados.

Segundo todas as reações do luto que foi estudado na presente pesquisa, e sequentemente todos os autores citados, todas as manifestações sintomáticas do luto afetam o processo de aprendizagem, de maneira interna ou externa. Como o luto é um momento de desorganização psíquica que abala as estruturas do indivíduo em si, pode se esperar que de alguma maneira irá afetar o desenvolvimento da aprendizagem. Diante disso é importante dar ênfase em uma atenção maior ao enlutado infantil, pois o mesmo se encontra em desenvolvimento que não pode ter interrupções que prejudique seu progresso. A família tem um papel fundamental neste processo, pois será porta voz da criança percebendo suas ações, atitudes, movimentos, exclusão, despersonalização etc. E com isso buscando ajuda de profissionais. O professor sequentemente tem sua carga de importância, pois o mesmo pode perceber o alfabetizando em sala de aula observando seus comportamentos e dando uma atenção maior neste momento difícil. Se a criança estiver sendo bem observada e acompanhada, o processo diminui os danos.

No entanto, se tratando de todo o contexto que a criança enlutada vivencia, pode-se dizer que existem alguns pontos que trazem grandes prejuízos para a mesma, como o fato da criança ser rodeada por fantasias do tipo de onipotência que é evitar outras perdas e separações e ser forte, negação da perda que é o sentimento de não precisar do genitor perdido, e idealização



que é as fantasias regressivas. Portanto, a necessidade de um acompanhamento psicológico é de suma importância pois o profissional irá tratar a demanda do infantil em sua individualidade e também acolher a família e direcioná-los a uma melhor resolução do caso, sendo possível o encaminhamento a outros profissionais também de grande importância como o psicopedagogo entre outros.

As causas sintomáticas do luto direta ou indiretamente influenciam no desenvolvimento de qualquer indivíduo, principalmente criança em seu processo escolar. Esta, enlutada, pode gerar um rendimento escolar insuficiente. É inevitável que a morte invada a vida de uma criança e seu contexto escolar, pois todos estão sujeitos a esse momento. Porém, o que foi visto é que se a criança que passa por esse momento, se for acompanhada por profissionais capacitados, as consequências quanto ao rendimento escolar podem ser menores.

A alfabetização é uma fase importante no desenvolvimento da criança então, por ser um momento delicado. Quando há a interferência com a perda de uma pessoa importante, as estruturas da criança pode gerar um *déficit* na aprendizagem.

Assim, ao relacionar o luto, um momento de desorganização psíquica, pode ocorrer do rendimento escolar ser afetado de alguma maneira, pois no caminho para o desenvolvimento foi encontrado uma interrupção, a qual pode prejudicar o progresso da aprendizagem.

Com isso, sugere-se que o luto é um fator que interfere no processo de aprendizagem, pois causa danos psicológicos no desenvolvimento infantil, podendo gerar dificuldades futuras.

Diante da presente pesquisa, pode-se evidenciar que foi possível relacionar o luto com o processo de aprendizagem, enfatizando que o luto influencia sim no desenvolvimento da mesma. Contudo os pesquisadores atingiram seu objetivo de trazer em forma de pesquisa todos os danos que o luto pode causar na vida de uma criança e no seu desenvolvimento.

Em relação as dificuldades encontradas durante a pesquisa, uma delas foi a falta de artigos e documentos teóricos relacionando o processo do luto com a aprendizagem, acredita-se que é um tema em que precisa de mais conteúdos teóricos, pois o luto é um processo em que todos estão sujeitos a vivenciar, sequentemente toda criança em processo de aprendizagem também, então a população necessita desse acesso para obter conhecimentos sobre esse assunto e saber como proceder.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto é um processo inevitável, todos tendem a passar por isso, e cada um vivencia esse processo de maneira diferente em sua individualidade. Porém, este momento abre um leque de sentimentos que invadem e interferem no funcionamento emocional e psíquico de uma pessoa. Diante disso, se o luto não for elaborado de uma forma funcional pode haver grandes interferências na vida de um indivíduo, se tratando de uma criança as repercussões afetam o seu desenvolvimento.

Para que a aprendizagem se desenvolva de uma forma correta diversos fatores cognitivos, emocionais, psicossociais e culturais estão envolvidos. A aprendizagem é uma etapa em que a criança se apropria ativamente da experiência humana, adquirindo competências, conhecimentos, comportamentos, valores, desenvolvendo raciocínio e observação. Ou seja, cada indivíduo passa por essas etapas em que forma o ser humano como biopsicosocial.

Como visto, o luto é um processo de desorganização psíquica e provoca uma série de rupturas. Tratando-se disso, releva-se a criança que está em desenvolvimento, a qual pode ter interferências em seu processo de aprendizagem.

Com o tema “A influência do luto no processo de aprendizagem”, esta pesquisa objetivou responder questões a respeito do assunto em pauta.

Considerando o luto como um momento desafiador que provoca desorientações cognitivas que gera um grau de dificuldade de aprendizagem, o presente estudo teve como finalidade secundária indicar possíveis métodos que possam vir a contribuir com o desenvolvimento infantil no processo de luto.

De acordo com a pesquisa, o luto é um processo que afeta o desenvolvimento da aprendizagem, de certa forma acaba gerando um *déficit* na alfabetização. O luto influencia na aprendizagem de maneira interna ou externa, provocando rupturas no andamento da aprendizagem. Tratando-se disso, percebeu-se que o luto abala todas as fases de desenvolvimento.

Assim, foram alcançados os objetivos primordiais, apontando-se que a criança que está em fase de luto, necessita primordialmente de acompanhamento psicológico. A família tem um papel de suma importância nessas etapas, pois será portadora em todos os desenvolvimentos da mesma.

A presente pesquisa é de grande valia para a sociedade, pois apresenta evidências teóricas e comprovações a respeito do tema, o que pode vir a facilitar para uma família que está passando por esse momento tão delicado.

Porém, foram encontradas certas limitações na evolução da pesquisa, pelo fato de que há escassez de documentos teóricos relacionando o luto com a aprendizagem. E, conseqüentemente, pode-se observar que o tema não é bastante acessível à população e, muito menos, reconhecido. Diante dessas limitações, sugere-se a exploração mais a fundo do tema.

Esta pesquisa foi pensada na fragilidade e vulnerabilidade que o indivíduo encontra durante o seu processo de vida e reconhecendo o quanto é doloroso perder um ente querido, fato este ressaltado na frase de Jung: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas uma outra alma humana.”

## REFERÊNCIAS

- Basso, L. A.; & Wainer, R. (2011). Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. *Rev. bras. ter. Cogn.*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-43, jun. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso)
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2008). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 14ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda*. A natureza do vínculo (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf.*, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso)
- Cunha, M. V. (2002). Pavlov, Watson e Skinner – Comportamentalismo e Educação. In: *Psicologia da Educação*. DPLA, Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1996). *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fujisaka, A. P. (2014). *O familiar cuidador e o processo de fim de morte de seu ente querido: uma compreensão fenomenológica*. 491p. Tese, Instituto de Psicologia da USP, título de Doutor em Psicologia. Recuperado de [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28112014-111303/publico/fujisaka\\_do.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28112014-111303/publico/fujisaka_do.pdf)
- Hagman, G. (1996). Mourning: a review and a reconsideration. *Journal of Psycho-Anal*, 76; pp: 909-925.
- Harper, D. R. (2012). *On line etymology dictionary*. Recuperado de <http://www.etymonline.com/index.php?search=apprehend&searchmode=none>,
- Ivic, I., & Coelho, E. P. (Org.). (2010). *Lev Semionovich Vygotsky*. Tradução de José Eustáquio Romão. Recife: Editora Massangana, 140 p. (Coleção Educadores).
- Kovács, M. J. (1998). *Morte e desenvolvimento humano*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Michaelis. (1998). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos (Dicionários Michaelis). 2259p.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1996). Coping and adaptation to trauma and loss. In M. Zeidner & N. S. Endler (Eds.), *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 554-572). New York: John Wiley & Sons.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. (2017). *Saúde mental. Atlas 2017*. Recuperado de [http://www.who.int/mental\\_health/evidence/atlas/mental\\_health\\_atlas\\_2017/en](http://www.who.int/mental_health/evidence/atlas/mental_health_atlas_2017/en)

- Pereira, C. L. (2012). Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-286, June 2012. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200011&lng=en&nrm=iso)
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. Tradução Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus.
- Piaget, J. (1999). *Seis Estudos de Psicologia*. RJ, Forense Universitária.
- Piletti, N., & Rossato, S. M. (2011). *Psicologia da aprendizagem: da Teoria do condicionamento ao Construtivismo*. São Paulo: Contexto.
- Piovesan, J., Ottonelli, J. C., Bordin, J. B., & Piovesan, L. (2019). Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. 1 ed. Santa Maria - RS. Recuperado de [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD\\_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf)
- Ramos, V. A. B. (2016). *O processo de luto*. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>
- Relvas, M. P. (1997). *Fundamentos biológicos da educação*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Wak.
- Sengik, A. S., & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 379-387. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200015&lng=en&nrm=iso)
- Soares, E. G. B., & Mautoni, M. A. A. G. (1996). *Conversando sobre o luto*. São Paulo: Ágora.
- Tabile, A. F., & Jacometo, M. C. d. (2017). Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Relato de experiência*. Ano 2017. v. 34, Ed. 103. Recuperado de <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/519/fatores-influenciadores-no-processo-de-aprendizagem--um-estudo-de-caso>
- Vygotsky, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon, H. (1995). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa, Edições 70, 1941-1995.
- Wallon, H. (1995). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70.
- Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.